

## Palavras (que não ficam presas na garganta)

Filomena Viegas & João Pedro Aido

O título deste editorial parafraseia livremente o diálogo rarefeito de uma personagem de *Karhozat / Perdição*, o filme de Béla Tarr — com argumento do realizador e de Laszlo Krasznahorkai, prémio Nobel da Literatura em 2025 —, cujo mundo monocromático é um lugar fechado sobre si próprio, opressivo e claustrofóbico. Nesse mundo sem transcendência, marcado pela omnipresente lama e chuva, mas hipnótico num olhar que se detém, sem se deter, sobre o absurdo da vida — como mostra a alegoria inicial dos baldes enormes suspensos por cabos metálicos num vaivém permanente —, nesse mundo absurdo, severo e misantrópico, acentuado pela música melancólica e também hipnótica de Mihály Víg, a palavra fica presa na garganta e uma personagem chega a perguntar se faz sentido falar.

Há uma teologia sem transcendência neste filme que faz pensar no quadro *O corpo de Cristo morto no túmulo*, de Hans Holbein, o Jovem — o mesmo quadro que comunica uma angústia intolerável que leva o príncipe Mychkine, no romance *O Idiota*, de Dostoievski, a declarar que pode levar um crente a perder a fé, como uma força, diz outra personagem, «obscura, insolente e estupidamente eterna, à qual tudo está sujeito e que nos domina apesar de tudo» (id., p. 402).

À beira e para lá desse abismo, temos as palavras, o dom da palavra. A experiência imaginária e semiótica que organiza o mundo e o discurso interpretativo do 'país dos signos'. Como uma tradução que tente encontrar, na língua da mãe, como dizia Mallarmé, «*un mot total, neuf, étranger à la langue*»<sup>2</sup>, que possa captar o inominável. Como palavras que não ficam presas na garganta.

Esse tem sido o percurso destas *Palavras*, que a APP tem editado, numa série longa que recomeçou em 1997. Dizíamos no editorial desse número, editado na primavera de 97 com o título «A angústia do professor momentos antes de inovar»:

«Há dez anos, dizia-se no último editorial da revista *Palavras* que o número seguinte já estava em preparação e que o regresso seria daí a seis meses. Estes foram, sem dúvida, os mais longos seis meses que os professores de Português tiveram de esperar por uma publicação.

Entretanto muita coisa mudou, mesmo que já então a revista dedicasse sintomaticamente o seu último tema ao *(in)sucesso do ensino / aprendizagem da língua materna*. O relançamento da revista *Palavras* é, por isso, um projecto que a Direcção da APP considera imprescindível para se poder debater um conjunto de problemas que se colocam no ensino / aprendizagem do português como língua materna, língua segunda e língua estrangeira e para os quais não há resposta, nem cabal, nem suficiente, nem contínua. Este projecto procura ser, assim, uma contribuição pertinente, quer para a formação científica e profissional dos professores de Português / Língua Portuguesa do ensino não-universitário, quer para a reflexão especializada dos problemas do ensino e da aprendizagem de uma língua.

Deste modo, a revista terá sempre uma entrevista e organizar-se-á tematicamente em três áreas: *a pedagogia e a didáctica, os estudos linguísticos e os estudos literários*. (...) Mas a pertinência da intervenção da

---

<sup>1</sup>Dostoievski, Fedor (1976). *O Idiota* (trad. de Jorge Sampaio, p. 218). Círculo de Leitores.

<sup>2</sup>*Apud* Kristeva, Julia (1987). *Soleil noir. Dépression et mélancolie* (p. 54). Gallimard.

revista dependerá sobretudo da forma como os textos souberem dialogar entre si e ousarem crítica, livre e responsabilmente pôr em questão os lugares-comuns que contaminam e pervertem a discussão dos problemas. É por isso interessante verificar como os textos nem sempre concordam uns com os outros, ou como às vezes colocam mais problemas do que aqueles que conseguem resolver, ou como os problemas postos por uns textos podem estar respondidos noutros.

Talvez por isso a angústia que se nos coloca quando *ousamos inovar* seja irremediável. Mas a resposta a essa angústia não é adoptar a tática da avestruz, como se tudo permanecesse como na época em que *nós andávamos na escola*. Ousemos inovar *livre e responsabilmente*, o que só é possível com mais formação, mais reflexão, um maior e melhor conhecimento teórico, histórico e prático.»

Palavras que são mais atuais do que nunca. Ensinar Português, hoje, é ensinar a ler o mundo, a interpretá-lo criticamente, a agir nele com criatividade, consciência e responsabilidade. Os textos que integram este número 62/63 da revista *Palavras* refletem, de forma particularmente expressiva, essa ampliação do campo do ensino do Português, mostrando como a língua se pode afirmar como eixo estruturante de aprendizagens transversais, interdisciplinares e profundamente humanas. Como espaço de inovação.

Oito dos doze artigos aqui reunidos são textos da conferência e de comunicações apresentadas, bem como de oficinas realizadas no 15.º ENAPP, para desenvolvimento do tema *Português em jogo e em projeto*. Estes textos evidenciam que o lúdico e o trabalho de projeto podem ser simultaneamente espaço de aprendizagem significativa, de desenvolvimento do pensamento crítico e de participação cívica. O primeiro desses oito artigos, inscrito na conferência de abertura, centra-se na cultura lúdica e no seu papel na educação contemporânea, os restantes artigos incidem sobre, respetivamente, o clube de oralidade Pensar Alto, com espaços extracurriculares dedicados à expressão oral permitindo desenvolver competências multimodais, a valorização de projetos interdisciplinares no ensino da língua materna na formação inicial de professores, um projeto de experimentação plástica que serve de ponto de partida para a produção narrativa, o uso de puzzles de leitura como estratégia para desenvolver a compreensão textual, o potencial do jogo de cartas A Vida das Palavras na construção colaborativa de narrativas, algumas experiências de gamificação envolvendo o Jogo de Fuga “Missão Amor de Perdição” e desafios em formato de jogo com recurso à plataforma REDA, com o objetivo de motivar os alunos para a aprendizagem da cultura e da literatura portuguesas.

A dimensão cognitiva e cultural da linguagem é abordada, num dos quatro artigos restantes, com um estudo sobre competência metafórica e fluência concetual, que alerta para a necessidade de trabalhar explicitamente a metáfora no ensino de PLNM/PLE.

A articulação entre o estudo da gramática e a interpretação do texto literário é o foco de outro texto, que procura mostrar como a análise de mecanismos de coesão pode contribuir para uma leitura mais rigorosa e fundamentada. A gramática é ainda objeto de análise, num terceiro texto, que revisita uma publicação da APP de 1980, no qual se defende o estudo crítico, informado e equilibrado sobre os modelos linguísticos, objeto de investigação académica, e a sua aplicação pedagógica na didática do Português.

Reafirmando os benefícios do intercâmbio de ideias sobre a reflexão teórica e a prática pedagógica e da investigação em didática da língua, na formação inicial e contínua de professores, à dissertação que está na origem do artigo sobre o recurso digital *Leopoldino, o explorador*, que demonstra como ferramentas interativas podem apoiar a aprendizagem da sequência descritiva no 1.º ciclo, promovendo autonomia e permitindo que os alunos construam o seu próprio conhecimento, foi concedido o Prémio Emília Amor de Investigação em Didática do Português da Associação de Professores de Português.

Na entrevista, Hélio Alves deixa aos professores de Português um texto fundamental e inovador para o esclarecimento de vários equívocos, questões e problemas relativos a Camões e à literatura do século XVI, e

não apenas, e relevante também pelas sugestões de trabalho que nos proporciona. O título sobre a identidade e o que fica esquecido ou silenciado — ou preso na garganta — mostra o poder da palavra corajosa, culta, crítica e informada. A não perder, portanto, tal como todo o conteúdo da revista.

Este número da *Palavras* fecha um ciclo de publicações da APP que abrange um eixo temporal de quase 30 anos, durante o qual contou com a direção de João Pedro Aido, na equipa editorial. Ao longo deste tempo, foi publicada uma entrevista em cada um dos números, sendo os artigos, como dissemos, distribuídos por três grandes secções: Pedagogia e didática, Estudos linguísticos e Estudos literários. Essa organização formal tem pressuposto, contudo, que o ensino do Português vai além da abordagem linguística e literária da língua, num tempo cada vez mais marcado por ecologias mediáticas complexas, pela omnipresença do digital e da inteligência artificial e pela circulação acelerada de discursos simplificadores. Essas três grandes secções têm-se constituído como convite ao encontro entre investigação, prática docente e reflexão crítica, à experimentação pedagógica informada, à reflexão partilhada e ao compromisso com um ensino do Português que responda aos desafios do século XXI, valorizando o jogo, a arte, a tecnologia e diferentes linguagens como instrumentos de conhecimento, expressão, interação e cidadania global.